

Clarice Fortkamp Caldin fala da sua dedicação à Biblioterapia e da importância do tema para a Biblioteconomia

Carla Sousa

Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Sergipe. Pesquisadora e consultora de Biblioterapia. Ministra palestras, oficinas e encontros vivenciais.

Email: carla_sou@hotmail.com Redes sociais: @dosesdebiblioterapia (Facebook e Instagram)

O tema da Biblioterapia no Brasil está fortemente vinculado à Biblioteconomia e à Ciência da Informação. Isso não ocorre por acaso. A grande responsável é a professora Dr^a. Clarice Fortkamp Caldin, docente da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), graduada em Biblioteconomia pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e com mestrado e doutorado em Literatura pela UFSC. O interesse pela pesquisa sobre o potencial terapêutico da leitura e da literatura acompanha a professora desde o início da sua carreira na docência, que teve início em 1995. A dedicação ao tema a tornou a principal referência em Biblioterapia no Brasil e, hoje, quem procura bibliografia sobre o assunto vai encontrar inúmeros artigos escritos por ela, ou por seus alunos, além de sua dissertação e a tese, que foi publicada como livro em 2010. Também é dela o mérito da inserção da disciplina de Biblioterapia no currículo do curso de Biblioteconomia da UFSC, única graduação do país a oferecer a disciplina que vem sendo ofertada regularmente ao longo dos últimos 15 anos. Nesta entrevista a professora Clarice conta um pouco sobre a sua trajetória que, inevitavelmente, se confunde com a história da Biblioterapia no Brasil.

Como tomou conhecimento e como começou o interesse pelo tema da Biblioterapia?

Em 1998, participando da comemoração dos 25 anos da Biblioteconomia da UFSC. Esse evento foi organizado pelos professores do então Departamento de Biblioteconomia e Documentação (atual CIN), em forma de seminário, com o intuito de resgatar a história da Biblioteconomia no Brasil e a Biblioteconomia na UFSC. Em um pôster do evento, fixado na entrada no auditório do CED, tinha uma listagem a respeito do que a Biblioteconomia se ocupava e, dentre outras coisas, constava que a 'Biblioteconomia cura'. E isso me deu um estalo. Aquilo me tocou muito. E disse para mim mesma que era com aquilo que eu queria trabalhar. Em 1995 eu entrei na universidade em uma área bem específica e técnica, que era a Representação Descritiva dos Documentos, pois a vaga no concurso era para essa área. Tudo



aquilo bem pesado, bem técnico. E eu nunca gostei muito do serviço técnico e naquele momento eu vi que tinha uma saída. E aí comecei a pesquisar, pesquisar, e a me inteirar sobre o que tinha de material escrito, até então muito pouca coisa. Foi assim que descobri e me apaixonei pela Biblioterapia. E, então, investi nesse tema na minha dissertação de mestrado, com muitas dores e solavancos, em virtude da não aceitação pela temática em alguns cursos de pós-graduação da UFSC. Na dissertação, defendida em 2001, eu já falava em Biblioterapia, mas tive que ir pelas beiradas, e abordei a função terapêutica da leitura dentro do programa de pós-graduação em Literatura da UFSC.

Explique melhor como foi essa trajetória de pesquisa e quais as dificuldades enfrentadas?

Eu tentei primeiro na Psicologia e fui muito ridicularizada. Quando apresentei a proposta eles disseram assim: 'No momento estamos trabalhando com experimentos em ratos. Você quer fazer Biblioterapia com ratos?'. Depois fui no Serviço Social, apresentei o projeto para a diretora do centro, que gostou da ideia, mas o processo seletivo não aconteceu naquele ano, por questões políticas. Mas não desisti. Fui tentar então na Literatura. Pois, desde o começo eu já tinha como foco que queria trabalhar com literatura, com a ficção e a relação com a função terapêutica. E, por conta, disso insisti no programa de Literatura e lá encontrei uma professora que poderia me orientar. Fiz a seleção, passei e defendi a duras penas. Até o último momento a orientadora ainda pensou tirar a parte que falava da leitura como função terapêutica.

Logo após a defesa do seu mestrado você fez um projeto de aplicação da Biblioterapia numa escola pública de Florianópolis. Fale um pouco dessa experiência de Biblioterapia na prática.

Foi um projeto de extensão universitária de um ano numa escola do Ribeirão da Ilha, iniciado em maio de 2002. Foi bem interessante porque foi o meu primeiro com adolescentes. Eu ainda estava bem insegura porque era uma turma diferente, uma turma de aceleração que hoje nem existe mais e eu ia lidar com eles durante todo o ano. Era bem variada, tinha estudantes de 13 a 24 anos com dificuldade de aprendizagem. No início alguns não queriam participar das atividades. Eu contava uma história e depois pedia que eles falassem, no começo ninguém falava. E aos poucos fui criando meios para que eles se expressassem a partir da história e para que estimulasse a imaginação. Eu ia experimentando. Esse projeto foi muito para ver o



que dava certo. O projeto contou com uma etapa de trabalhos com toda a turma e por último alguns atendimentos individuais. A diretoria disponibilizou uma sala e eu ia recebendo um a um, espalhava livros na mesa, eles escolhiam a história e a partir dali nós íamos conversando. Acredito que pequei muito nesse projeto, porque foi o primeiro que desenvolvi sozinha, e porque o público-alvo não eram as crianças (pois na dissertação estudei muito a literatura infantil), o que me leva a lembrar o projeto executado na ala pediátrica do Hospital Universitário (HU). Logo após a defesa da dissertação apresentei ao Departamento um projeto de extensão universitária – ‘Biblioterapia: um programa de leitura para crianças internadas do Hospital Universitário’, inicialmente previsto para ser executado entre agosto a dezembro de 2001. Entretanto a greve dos servidores da UFSC causou a interrupção do projeto, que foi o que aconteceu efetivamente em agosto de 2001 e de março a maio de 2002. O projeto foi desenvolvido concomitante ao Curso de Biblioterapia, criado por mim e aprovado pelo Departamento, com a finalidade de capacitar os acadêmicos do curso de Biblioteconomia a utilizar a leitura como função terapêutica. Tal curso era ministrado no período matutino, às quartas-feiras, num total de 80 horas semestrais. As aulas abarcavam uma parte teórica (conceito, histórico, tese central e fundamento filosófico da biblioterapia; método terapêutico; aplicações da biblioterapia) e outra prática (plano de atividades de cada sessão de biblioterapia, seleção das histórias, apresentação da atividade aos pares para avaliação e sugestões antes da aplicação às crianças, o que acontecia de quarta-feira a domingo). Nesse curso, eu atuava como coordenadora e auxiliava os acadêmicos na elaboração e execução das sessões de biblioterapia. Esse curso foi uma semente para o nascimento da disciplina, que foi aprovada no Colegiado em 2003 como disciplina optativa, com alguma resistência.

Na sua opinião, por que existe tanta resistência em relação à Biblioterapia?

Primeiro porque eles acham que nós, bibliotecários, estamos numa seara errada. Acham que estamos querendo agir como psicólogos, psicanalistas ou como médicos. Começa por aí. Eles não entendem a diferença. E a grande diferença é que na medicina, na psicanálise e na psicologia a preocupação é a doença. O que não é o nosso caso. Na Biblioterapia de Desenvolvimento, aquela que pode ser feita por bibliotecários, professores, mãe, tia, avó, aquela que qualquer um que ame ler ou contar histórias pode fazer, não estamos preocupados se a pessoa tem uma doença. A preocupação é com a expressividade, com aquele momento lúdico, e principalmente com a catarse. Acredito também que a maioria daqueles que rejeitam



não são muito amigos de Aristóteles, são mais de Platão, que é extremamente matemático, racional. O choque também passa por aí. Mas a maioria dos preconceitos é decorrente do fato deles acharem que a gente vai lá para curar algo. Não entendem que é um processo de cuidado e de doação. É isso que a gente faz, a gente se doa para o outro. Eu sempre enfatizo que não é uma cura, é um cuidado. No momento da atividade de Biblioterapia a pessoa muda de universo – sai do universo real e entra no universo ficcional, que é completamente diferente, lá tudo é possível, até um cadeirante pode pular, pode subir morro. É por isso que faz bem! Mas muitos não entendem.

Conte um pouco da trajetória da disciplina de Biblioterapia que há 15 anos vem sendo ofertada na UFSC? Tem sido bem aceita?

Depois que ela foi aprovada pelo Colegiado foi bem aceita, inclusive porque os alunos têm uma sede de sair um pouco da parte técnica da Biblioteconomia. No começo eu tinha mais tempo para as atividades de extensão (não havia tanta cobrança aos docentes em termos de publicação e atividades de pesquisa e o Departamento ofertava apenas o curso de Biblioteconomia). Às vezes, íamos fazer uma apresentação numa escola e passávamos uma tarde inteira. Alguns alunos que cursaram a disciplina ainda me encontram na rua e dizem que aquela disciplina mudou a vida deles. Na hora de por em prática eles assumem a personagem. E aparecem dotes artísticos que nem mesmo eles sabiam que tinham. Então, essa é uma parte que eu mais gosto, não só pelo público, mas também pelos alunos, eles muitas vezes ficam mais felizes do que o público. É terapêutico para os estudantes também. E já teve ocasião em que a disciplina teve que ser ofertada duas vezes no ano, nos dois semestres, às vezes num mesmo semestre tive que abrir duas turmas, por conta da grande procura.

Como você vê a importância da disciplina na formação do bibliotecário?

É muito importante. Por exemplo, teve uma aluna que trabalhava na BU e depois de cursar a disciplina ela disse que agora sim se sentia à vontade para conversar com o usuário para entender melhor qual a necessidade dele e assim eles se abriam mais. Isso por conta da influência da disciplina Biblioterapia que deu mais tranquilidade para ela interagir com o usuário. Quando o bibliotecário tem que trabalhar no Serviço de Referência e precisa interagir com o público é preciso desenvolver algumas habilidades. E a Biblioterapia ajudou no caso dessa aluna.



No início das suas pesquisas, como foi para você ter acesso à bibliografia sobre a Biblioterapia? Imagino que naquela época foi bem complicado por não haver muito material escrito sobre o tema.

Naquele tempo a gente usava o Comut, Serviço de Comutação Bibliográfica da BU. Então, quando alguém indicava um material ou quando eu via uma indicação na bibliografia (antes não se usava a expressão *referências*), eu ia na biblioteca fazia o pedido, preenchia a ficha, pagava, às vezes levava um mês até o material xerocado chegar, e na época eram só artigos que podia pedir. Dissertações e teses a gente só podia pedir 10 folhas. Assim, primeiro eu pedia a folha de Rosto e do Resumo e as folhas do Sumário. Depois que chegavam, era necessário avaliar o que merecia ser solicitado. Isso demorava muito. Eu procurei também em algumas teses da Literatura no acervo da BU, especialmente as que tratavam da literatura infantil, que eu pudesse puxar para o lado da função terapêutica da leitura. Busquei respaldo na Psicologia também. Sobre a Biblioterapia mesmo o que tinha eram essas que ainda hoje apresentamos como as fontes históricas, que é o artigo da Ratton e Alves. E no mestrado tive acesso à tese da Shrodes, pioneira dos estudos acerca da teoria e aplicação em biblioterapia nos EUA, que foi uma exigência da minha orientadora, que disse que só ia permitir que eu falasse de Biblioterapia se tivesse acesso à tese. E para conseguir foi uma Odisseia. Tentei conseguir por aqui, mediante compra por cartão de crédito, mas a tese não estava disponível para venda. Entrei em pânico. Mas o universo contribuiu, pois meu irmão foi fazer um curso de especialização nos EUA e por meio da biblioteca de lá ele conseguiu tirar cópia, tirava algumas folhas por semana, pois a bibliotecária seguia as normas da casa, e ele foi me enviando aos poucos. Depois disso, ainda tive que providenciar a tradução para o português, que foi outro parto, pois a orientadora exigiu um tradutor juramentado. Eu não tinha dinheiro suficiente para isso. Consegui um tradutor que realizava esse serviço para alunos e professores de medicina e odontologia, sendo ele mesmo graduado em odontologia, ou seja, estava acostumado com termos técnicos. Foi esse trabalho da Shrodes que me deu mais luz, muito embora ela use termos que a gente não usa, como a literatura imaginativa, dentre outras coisas que ela puxou da Psicologia, da Filosofia e até da Genética, muita coisa que eu nem assimilava.

Como os bibliotecários podem se apropriar melhor da Biblioterapia para que possam levar essa prática para seus locais de trabalho?



Passa primeiro pelo gosto de ler. Se o bibliotecário não gosta de ler ele não vai fazer essa atividade. Quando eu entrei para o curso de Biblioteconomia achava que ser bibliotecário era a coisa mais maravilhosa do mundo, porque poderia ler muita coisa, porque ia ler todos aqueles livros que ia catalogar e classificar. Mas teve uma coisa que me chocou muito. Uma professora disse: 'você nem precisa ler o livro, basta ler a ficha catalográfica, ou a orelha do livro e dali fazem tudo'. E vejo que, muita gente, que ainda trabalha em biblioteca acha que é assim. Mas, é importante que leia mais que isso, o livro às vezes trata de mais de um assunto e ele tem de decidir qual é o mais relevante, pois o livro só pode ficar em um lugar da estante. Se o bibliotecário gosta de ler e, especialmente, gosta de literatura, isso já é um primeiro passo. Depois disso, é uma luta e nada vem de graça. Tem que tentar influenciar o diretor da instituição para que ele entenda o valor da literatura. Conseguindo isso, já é metade da luta ganha. E é preciso conquistar aliados, parceiros, porque sozinho ele não vai conseguir o trabalho neste universo temático. Ele precisa saber que vai enfrentar desafios. E, também tem que se apropriar da teoria para ficar mais claro o que vem a ser a Biblioterapia. Existem os artigos online, mas é necessário muita cautela e direção nessa pesquisa porque tem muito trabalho copiado. Às vezes, fico me perguntando se fazem isso por má fé ou má formação. Infelizmente, a maioria que escreve sobre Biblioterapia é aluno de Biblioteconomia, mas não usa corretamente a norma de citação, isso é recorrente. Hoje tem muita coisa escrita, mas não quer dizer que todas são boas.

Para quem quer começar a fazer atividades de Biblioterapia qual o passo a passo que você sugere?

Lembro: só se aprende a fazer, fazendo. Mas, primeiro tem que ler a teoria. Não adianta começar sem uma teoria de suporte, tem que entender os componentes biblioterapêuticos. Tem que gostar das histórias que selecionou. Tem que gostar do público. Tem que se sentir à vontade com o público, porque como o Daniel Pennac diz: o ouvinte ou espectador sabe se você está sendo sincero ou se você está fingindo. Criar um ambiente acolhedor também é fundamental. Tem que ter empatia. E para ter tudo isso, tem que se doar. Sem cobranças e juízos de valor. E pode começar fazendo com a própria família, antes de levar para uma instituição. E não é só contar história, depois tem que ter um tempo para conversar com cada um ou pequenos grupos, dar atenção para os mais tímidos para que eles possam se expressar. A história ali é um pretexto para que se formem círculos imaginativos, para que as



peças façam articulações mentais. A história como todo texto é um pretexto para alguma coisa. Esse é o valor da literatura.

Para finalizar, fale um pouco da sua relação com a leitura e a literatura.

É uma relação muito forte. Assim que eu aprendi a ler eu não parei mais. Eu não brincava de bonecas, eu tinha bonecas porque minha mãe me dava, mas eu não gostava, eu sempre preferi os livros. E eu gostava dos livros grossos, como os de Monteiro Lobato, que foi meu mentor. E eu ficava com muita pena quando terminava a leitura. E me lembro de Proust, que escreveu que também doía quando terminava de ler um livro porque a partir dali não saberia o que ia acontecer com as personagens. Quando eu ganhava livros fininhos, que em dez minutos eu terminava, ficava muito triste. Nunca liguei muito para figuras, muito embora a gente saiba hoje a importância das ilustrações, mas naquele tempo os livros eram pouco ilustrados e eu gostava mais de imaginar a situação. Meu pai sempre lia para mim na hora de dormir, e isso me influenciou muito. Eu faço a leitura da mesma forma que ele, até no jeito de virar as páginas. Foi muito marcante. Eu fui muito incentivada pelos meus pais. Podia ficar a tarde inteira lendo e ninguém me incomodava.

RECEBIDO: 13-07-2018

ACEITO: 16-07-2018

